



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0206/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 01/08/2025

Reino da Arábia Saudita saúda as intenções do Canadá e Malta de reconhecerem o Estado da Palestina



O primeiro-ministro canadense, Mark Carney, após uma reunião de gabinete para discutir as negociações comerciais com os EUA e a situação no Médio Oriente, em 30 de julho de 2025.

O Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita saudou o anúncio feito pelo primeiro-ministro canadense, Mark Carney, e pelo primeiro-ministro maltês, Robert Abela, sobre as intenções de seus países de reconhecerem o Estado palestino na próxima Assembleia Geral da ONU em setembro. Malta e Canadá estavam entre os 15 países ocidentais que assinaram uma declaração após uma conferência internacional de alto nível, co-presidida pela Arábia Saudita e França nesta semana. A conferência em Nova York teve como objectivo promover esforços para alcançar uma solução de dois Estados para o conflito de longa data entre Israel e os palestinos. O Ministério das Relações Exteriores disse que Riade elogiou as "decisões positivas canadenses e maltesas que estabelecem o caminho da solução de dois Estados e afirma o acordo da comunidade internacional sobre a necessidade de acabar com o sofrimento do povo palestino irmão".

"O Reino renova seu apelo ao resto dos países para que tomem medidas tão sérias em apoio à paz", acrescentou o ministério. Enquanto isso, o primeiro-ministro de Portugal,

Luis Montenegro, disse ontem que o governo de centro-direita do país consultará os principais partidos políticos e o presidente conservador Marcelo Rebelo de Sousa sobre o potencial reconhecimento de um Estado palestino. O Reino saudou a consulta e disse que é um passo positivo que apoiaria o processo de implementação da solução de dois Estados e a obtenção da paz. Outros países que assinaram a Declaração de Nova York sobre a Solução Pacífica da Questão da Palestina incluem Andorra, Austrália, Finlândia, França, Islândia, Irlanda, Luxemburgo, Nova Zelândia, Noruega, Portugal, San Marino, Eslovênia e Espanha. No entanto, nem todos esses países reconheceram oficialmente o Estado palestino ainda. **Fonte-Arab News.**

Primeiro-ministro da Mauritânia chega a Medina para visitar a Mesquita do Profeta



O primeiro-ministro da Mauritânia, Mokhtar Ould Djay (centro), chega a Medina

O primeiro-ministro da Mauritânia, Mokhtar Ould Djay, chegou ontem a Medina, informou a Agência de Imprensa Saudita. Ele visitará a Mesquita do Profeta na cidade sagrada e orará dentro dela. **Fonte-Arab News.**

Ministro do Interior saudita visita sede da Interpol



O Príncipe Abdulaziz bin Saud bin Naif (à esquerda) recebendo uma placa do presidente da Interpol, Ahmed Naser Al-Raisi, na sede da Interpol em Lyon, França, em 31 de julho de 2025.

O ministro do Interior do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Abdulaziz bin Saud bin Naif, visitou ontem a sede da Interpol em Lyon, na França, onde foi recebido pelo presidente da organização, major-general Ahmed Naser Al-Raisi. Durante a visita, o Príncipe Abdulaziz afirmou o apoio contínuo do Reino à Interpol e seus esforços para fortalecer a cooperação internacional no combate ao crime transnacional. Ele elogiou seu papel no apoio aos esforços de segurança internacional e no aprimoramento da cooperação entre as agências de segurança em todo o mundo. O actual presidente da

Interpol é dos Emirados Árabes Unidos. Al-Raisi, foi eleito na 89ª Assembleia Geral em Istambul, Turquia, em novembro de 2021. Seu mandato termina este ano. **Fonte-Reuters.**

Medina ganha novo credenciamento de 'cidade saudável' da OMS



Com o novo credenciamento, Medina solidificou sua posição como a segunda maior cidade saudável do Médio Oriente, ao lado de Jeddah.

A Organização Mundial da Saúde renovou seu credenciamento de Medina como uma "cidade saudável", com o segundo local mais sagrado do Islão marcando impressionantes 80 pontos, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Príncipe Salman bin Sultan, governador da região de Medina, recebeu ontem durante uma cerimônia o certificado de acreditação da OMS do ministro da Saúde, Fahad AlJalajel e disse que o credenciamento renovado de Medina exemplifica a dedicação da liderança em melhorar a qualidade de vida do povo do Reino nos centros urbanos. **Fonte-Arab News.**

Mais de 151 milhões de árvores plantadas sob a Iniciativa Verde Saudita



O ministro anunciou que o Reino está construindo 1.000 barragens de captação de água da chuva com capacidade anual de 4 milhões de metros cúbicos.

Mais de 151 milhões de árvores foram plantadas e 500 mil hectares de terra reabilitados sob a Iniciativa Verde Saudita, que visa plantar 10 bilhões no total, disse o ministro do Meio Ambiente. O Reino fez progressos significativos sob a Estratégia Nacional de Meio Ambiente, a caminho de alcançar as metas da Visão 2030 do Reino da Arábia

Saudita em conservação, sustentabilidade hídrica e segurança alimentar, disse o ministro do Meio Ambiente, Água e Agricultura, Abdulrahman Al-Fadley. Durante uma colectiva de imprensa, Al-Fadley também anunciou o estabelecimento de cinco centros ambientais especializados, incluindo o primeiro Centro Regional de Estudos sobre Mudanças Climáticas do Médio Oriente e o quarto Centro Regional do mundo para Tempestades de Areia e Poeira. "O Reino estabeleceu um fundo ambiental que é o maior de seu tipo na região, reflectindo um sério compromisso de apoiar iniciativas ambientais", acrescentou o ministro. As áreas terrestres protegidas passaram de 4,5% do território do Reino para 18,1%, e o número de parques nacionais aumentou de 18 para 500. **Fonte-Reuters.**

Principal general paquistanês se encontra com presidente egípcio



Um general de alto escalão paquistanês se reuniu ontem com o presidente egípcio, Abdel Fattah El-Sisi, e com a liderança civil e de defesa do país para discutir a situação regional, a cooperação militar e de contraterrorismo.

O general Sahir Shamshad Mirza, que é o presidente do comitê conjunto de chefes de estado-maior do Paquistão (CJCSC), está no Egito para a terceira ronda de negociações de defesa e segurança entre os dois países. Durante a visita, ele se encontrou com altos funcionários egípcios, como El-Sisi, general Abdel Mageed Ahmed Abdel Mageed Saqr, ministro da defesa e produção militar e comandante-em-chefe das Forças Armadas egípcias, almirante Osama Mounier Mohamed Rabie.

Ele também se encontrou com o presidente e director administrativo da Autoridade do Canal de Suez, bem como com o professor Dr. Ahmed Mohamed Ahmed El-Tayeb, o grande imã do instituto Al-Azhar. "As discussões se concentraram na cooperação militar bilateral, segurança, contraterrorismo e situação regional prevalecente". "Dignitários de ambos os lados enfatizaram o interesse compartilhado em fortalecer e expandir ainda mais as relações militares existentes nos domínios de treinamento, exercícios militares conjuntos e cooperação de defesa." O Paquistão e o Egito têm laços cordiais e ambos os países resolveram nos últimos anos facilitar os negócios com vistos, trocar informações relacionadas ao comércio e promover contactos com o sector privado. **Fonte-Reuters.**

EUA sancionam funcionários da Autoridade Palestina e membros da OLP



Presidente da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas.

Os Estados Unidos impuseram ontem sanções a funcionários da Autoridade Palestina e membros da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), dizendo que os grupos estão minando os esforços de paz, enquanto autoridades americanas buscam separadamente salvar as negociações de cessar-fogo em Gaza. A medida impede que os alvos recebam vistos para viajar para os Estados Unidos, disse o Departamento de Estado dos EUA, embora não tenha listado nenhum indivíduo específico. "É do nosso interesse de segurança nacional impor consequências e responsabilizar a OLP e a Autoridade Palestina por não cumprirem seus compromissos e minarem as perspectivas de paz", disse o departamento em um comunicado. O Departamento de Estado disse que os dois grupos palestinos "tomaram medidas para internacionalizar seu conflito com Israel", inclusive por meio do Tribunal Penal Internacional, e disse que ambos continuaram "a apoiar o terrorismo". Representantes da Autoridade Palestina e da Organização para a Libertação da Palestina não puderam ser contactados imediatamente para comentar. Israel enfrenta uma crescente pressão mundial sobre a guerra em Gaza, e várias potências ocidentais disseram que reconhecerão um Estado palestino. **Fonte-Reuters.**

Portugal faz movimento cauteloso para reconhecer Estado palestino



O governo português vai consultar o presidente e o parlamento sobre a questão do reconhecimento do Estado da Palestina na ONU em setembro, informou o gabinete do primeiro-ministro Luis Montenegro.

O governo de centro-direita de Portugal consultará os principais partidos políticos e o presidente conservador, Marcelo Rebelo de Sousa, sobre o potencial reconhecimento de

um Estado palestino, disse ontem o primeiro-ministro Luis Montenegro. Ao contrário da vizinha Espanha, cujo governo de esquerda reconheceu o Estado palestino em maio de 2024 ao lado da Irlanda e da Noruega e pediu a outros países da UE que fizessem o mesmo, Portugal adoptou uma abordagem mais cautelosa, dizendo que queria elaborar uma posição comum com outros países da UE primeiro.

"O governo decidiu promover consultas com o presidente e os partidos políticos representados no parlamento com o objectivo de considerar o reconhecimento do Estado palestino em um processo que poderia ser concluído ... na Assembleia Geral da ONU em setembro", disse Montenegro em um comunicado. Cerca de 144 dos 193 estados membros das Nações Unidas reconhecem a Palestina como um estado, incluindo a maior parte do sul global, bem como a Rússia, a China e a Índia.

A Assembleia Geral da ONU aprovou o reconhecimento de fato do Estado soberano da Palestina em novembro de 2012, actualizando seu status de observador no órgão mundial para "Estado não-membro" de "entidade". **Fonte-Reuters.**

Por que não há comida suficiente chegando às pessoas em Gaza, mesmo depois que Israel aliviou seu bloqueio



Palestinos carregam sacos de farinha descarregados de um comboio de ajuda humanitária a caminho da Cidade de Gaza do norte da Faixa de Gaza em 31 de julho de 2025.

O clamor internacional sobre imagens de crianças emaciadas e relatos crescentes de mortes relacionadas à fome pressionaram Israel a permitir que mais ajuda entrasse na Faixa de Gaza. Esta semana, Israel interrompeu os combates em partes de Gaza e lançou alimentos por via aérea. Mas grupos de ajuda humanitária e palestinos dizem que as mudanças foram apenas incrementais e não são suficientes para reverter o que especialistas em alimentos dizem ser um "pior cenário de fome" que se desenrola no território devastado pela guerra.

As novas medidas trouxeram um aumento no número de caminhões de ajuda que entram em Gaza. Mas quase nada chega aos armazéns da ONU para distribuição. Em vez disso, quase todos os caminhões são despojados de sua carga por multidões que os oprimem nas estradas. As multidões são uma mistura de palestinos desesperados por comida e gangues armadas com facas, machados ou pistolas que saqueiam as mercadorias para depois acumular ou vender.

Muitos também foram mortos tentando pegar a ajuda. Testemunhas dizem que as tropas israelenses costumam abrir fogo contra multidões ao redor dos caminhões de ajuda, e

hospitais relataram centenas de mortos ou feridos. Os militares israelenses dizem que só dispararam tiros de advertência para controlar multidões ou contra pessoas que se aproximam de suas forças. O sistema alternativo de distribuição de alimentos administrado pela Fundação Humanitária de Gaza, apoiada por Israel, também foi prejudicado pela violência. Os lançamentos aéreos internacionais de ajuda foram retomados. Mas grupos de ajuda dizem que os lançamentos aéreos entregam apenas uma fração do que os caminhões podem fornecer. Além disso, muitos pacotes pousaram em áreas agora inacessíveis que os palestinos foram instruídos a evacuar, enquanto outros mergulharam no Mar Mediterrâneo, forçando as pessoas a nadar para recuperar sacos de farinha encharcados.

Aqui está uma olhada no motivo pelo qual a ajuda não está sendo distribuída:

Falta de confiança,

A ONU diz que as restrições de longa data à entrada de ajuda criaram um ambiente imprevisível e que, embora uma pausa nos combates possa permitir a entrada de mais ajuda, os palestinos não estão confiantes de que a ajuda chegará até eles. "Isso resultou em muitos de nossos comboios descarregados diretamente por pessoas famintas e desesperadas, enquanto continuam a enfrentar níveis profundos de fome e estão lutando para alimentar suas famílias", disse Olga Cherevko, porta-voz do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, ou OCHA. "A única maneira de alcançar um nível de confiança é ter um fluxo sustentado de ajuda durante um período de tempo", disse ela. Israel bloqueou totalmente a entrada de alimentos em Gaza por dois meses e meio a partir de março. Desde que aliviou o bloqueio no final de maio, permitiu a entrada de caminhões de ajuda para a ONU, cerca de 70 por dia em média, de acordo com dados oficiais israelenses. Isso está muito abaixo dos 500-600 caminhões por dia que as agências da ONU dizem ser necessários - a quantidade que entrou durante um cessar-fogo de seis semanas no início deste ano. **Fonte-Reuters.**

Refinarias estatais indianas interrompem compra de petróleo russo após ameaça de Trump



Uma tela de transmissão da Bolsa de Valores de Bombaim (BSE) em Mumbai em 3 de abril de 2025, mostra a notícia do presidente dos EUA, Donald Trump, revelando novas tarifas comerciais abrangentes.

As refinarias estatais indianas pararam de comprar petróleo russo na semana passada, à medida que os descontos diminuíram neste mês e o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, alertou os países a não comprarem petróleo de Moscou, disseram fontes da indústria. A Índia, o terceiro maior importador de petróleo do mundo, é o maior comprador de petróleo russo transportado por via

marítima, uma fonte de receita vital para a Rússia, que trava uma guerra na Ucrânia pelo quarto ano. As refinarias estatais do país - Indian Oil Corp, Hindustan Petroleum Corp, Bharat Petroleum Corp. e Mangalore Refinery Petrochemical Ltd. - não buscaram petróleo russo na semana passada, disseram quatro fontes familiarizadas com os planos de compra das refinarias à Reuters. IOC, BPCL, HPCL, MRPL e o Ministério Federal do Petróleo não responderam imediatamente aos pedidos de comentários. **Fonte-Reuters.**

Trump assina ordem impondo novas tarifas a vários parceiros comerciais



Contentores empilhados no porto de Los Angeles, Califórnia, em 6 de maio de 2025. O presidente Donald Trump assinou uma ordem em 31 de julho impondo tarifas mais altas a dezenas de países em sua mais recente tentativa de remodelar o comércio global em favor das empresas americanas.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, assinou ontem uma ordem executiva que estabelece novas tarifas sobre uma ampla faixa de parceiros comerciais dos Estados Unidos para entrar em vigor em 7 de agosto - o próximo passo em sua agenda comercial que testará a economia global e a robustez das alianças americanas construídas ao longo de décadas. A ordem foi emitida pouco depois das 19h de ontem. Isso ocorreu após uma enxurrada de atividades relacionadas a tarifas nos últimos dias, quando a Casa Branca anunciou acordos com várias nações e blocos antes do prazo autoimposto pelo presidente. As tarifas estão sendo implementadas em uma data posterior para que a tabela de tarifas seja harmonizada, de acordo com um alto funcionário do governo que falou a repórteres em uma ligação sob condição de anonimato. Depois de inicialmente ameaçar a nação africana do Lesoto com uma tarifa de 50%, os produtos do país agora serão tributados em 15%. Taiwan terá tarifas fixadas em 20%, Paquistão em 19% e Israel, Islândia, Fiji, Ghana, Guiana e Equador entre os países com produtos importados tributados em 15%.

Trump havia anunciado uma tarifa de 50 por cento sobre produtos do Brasil, mas a ordem era de apenas 10 por cento, já que os outros 40 por cento faziam parte de uma medida separada aprovada por Trump na passada quarta-feira. A ordem encerrou ontem agitada, enquanto as nações tentavam continuar negociando com Trump. Ele estabeleceu as taxas para 68 países e os 27 membros da União Europeia, com uma taxa básica de 10% a ser cobrada em países não listados na ordem. O alto funcionário do governo disse que as taxas foram baseadas no desequilíbrio comercial com os EUA e nos perfis econômicos regionais. Na manhã de ontem, Trump conversou por telefone com a presidente mexicana, Claudia Sheinbaum, sobre comércio. Como resultado da conversa, o presidente dos EUA disse que entraria em um período de negociação de 90 dias com o México, um dos maiores parceiros comerciais do país. As actuais tarifas de 25% permanecem em vigor, abaixo dos 30% que ele havia ameaçado anteriormente. "Evitamos o aumento tarifário anunciado para amanhã e tivemos 90 dias para construir um acordo de longo prazo por meio do diálogo", escreveu Sheinbaum no X após uma

ligação com Trump que ela chamou de "muito bem-sucedida" em termos de os líderes se conhecerem melhor. **Fonte-Reuters.**

Enviado de Trump a Israel aumenta as críticas a Gaza



O enviado do presidente dos EUA, Donald Trump, para o Médio Oriente, Steve Witkoff, reuniu ontem com o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu.

O enviado do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, Steve Witkoff, conversou ontem em Israel sobre maneiras de acabar com a crise em Gaza, onde quase 22 meses de guerra e escassez de alimentos atraíram críticas internacionais crescentes. Witkoff, que esteve envolvido em meses de negociações paralisadas para um cessar-fogo e um acordo de libertação de reféns, se encontrou com o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu logo após sua chegada, disse o gabinete do líder israelense.

O enviado também pode visitar um grupo apoiado pelos EUA que distribui alimentos em Gaza, de acordo com relatos israelenses. A agência de defesa civil de Gaza relatou pelo menos 58 palestinos mortos na noite da passada quarta-feira quando as forças israelenses abriram fogo contra uma multidão que tentava bloquear um comboio de ajuda - o mais recente de uma série de incidentes quase diários de candidatos desesperados a serem baleados.

Os militares israelenses disseram que as tropas dispararam "tiros de advertência" enquanto os moradores de Gaza se reuniam em torno dos caminhões de ajuda. Um correspondente da AFP viu cadáveres crivados de balas no hospital Al-Shifa, na Cidade de Gaza. Jameel Ashour, que perdeu um parente no tiroteio, disse à AFP no necrotério lotado que as tropas israelenses abriram fogo depois que "as pessoas viram ladrões roubando e jogando comida (e) a multidão faminta correu na esperança de conseguir um pouco".

Witkoff tem sido o principal representante dos EUA nas negociações indirectas entre Israel e o Hamas, mas as discussões foram interrompidas na semana passada, quando Israel e os Estados Unidos chamaram de volta suas delegações de Doha. Israel está sob crescente pressão internacional para concordar com um cessar-fogo e permitir que o mundo inunde uma Gaza faminta com comida, com o Canadá sendo o mais recente governo ocidental a anunciar planos para reconhecer um Estado palestino. "Se as travessias fossem abertas ... a comida poderia chegar até nós. Mas isso é um absurdo", disse Zaqot sobre os airdrops. As restrições da mídia em Gaza e as dificuldades de acesso a muitas áreas significam que a AFP não pode verificar de forma independente os pedágios e os detalhes fornecidos pela defesa civil e outras partes. **Fonte-Reuters.**

Israel corre o risco de ficar isolado, alerta ministro das Relações Exteriores alemão



O ministro alemão das Relações Exteriores, Johann Wadephul, fez ontem uma declaração à imprensa em Jerusalém.

O ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Johann Wadephul, disse ontem que Israel corre o risco de se isolar e que a Alemanha está tentando evitar isso. "Israel deve sempre encontrar amigos, parceiros e apoiadores na comunidade internacional. E isso está actualmente em perigo nesta situação. E se há um país que tem a responsabilidade de evitar isso, então, na minha opinião, é a Alemanha", disse Wadephul a repórteres em uma viagem a Israel. Ele acrescentou que a situação humanitária em Gaza está "além da imaginação", depois de se encontrar com altos funcionários israelenses em Jerusalém. "O desastre humanitário em Gaza está além da imaginação." Wadephul disse: "(Israel é) obrigado a enviar ajuda humanitária e médica suficiente com rapidez e segurança para evitar a morte em massa como parte de uma fome". **Fonte-Reuters.**

Os países devem agir unilateralmente no reconhecimento da Palestina



FAISAL J. ABBAS

July 30, 2025



O ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita, príncipe Faisal bin Farhan, e o ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, co-presidem a reunião da ONU.

Na teia emaranhada de geopolítica e responsabilidade moral, o reconhecimento da Palestina permanece hoje não apenas como uma escolha diplomática, mas como um

teste decisivo de integridade, coragem e compromisso com a justiça global. Enquanto o mundo assiste a mais um ciclo de sofrimento se desenrolar, é hora de chamar os procrastinadores, elogiar os ousados e exigir que a comunidade internacional haja unilateralmente ao abraçar a solução de dois Estados – começando com o reconhecimento imediato da Palestina.

A recente posição do Reino Unido - ameaçando reconhecer a Palestina se Israel não cumprir certas condições - encapsula o paradoxo da justiça atrasada. "Muito pouco, muito tarde" é adequado para uma nação que desempenhou um papel fundamental na criação do actual cenário geopolítico. No entanto, "antes tarde do que nunca" é igualmente válido se Londres finalmente optar por corrigir erros históricos. Ex-potências coloniais, como Grã-Bretanha e França, compartilham um legado de profundo envolvimento no Médio Oriente, e o movimento corajoso deste último para reconhecer a Palestina merece elogios e emulação.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, adverte que o reconhecimento da Palestina equivale a recompensar o Hamas - um argumento curioso, dado que as políticas de longo prazo de seu governo ao longo de mais de 16 anos encorajaram o próprio grupo que ele agora procura difamar. O apoio tortuoso de Netanyahu ao Hamas está bem documentado. "Durante anos, Netanyahu apoiou o Hamas. Agora está explodindo em nossos rostos", dizia uma manchete no The Times of Israel logo após os horríveis ataques de 7 de outubro. Em 2019, o líder israelense teria dito: "Aqueles que querem impedir o estabelecimento de um Estado palestino devem apoiar o fortalecimento do Hamas".

O reconhecimento não é legitimar o terrorismo. Trata-se de afirmar os direitos de milhões de palestinos que não têm nada a ver com o Hamas e suportaram a apatridia, o deslocamento e o sofrimento diário. Trata-se de oferecer uma estrutura para a paz que inclua os israelenses, que também merecem segurança e estabilidade. Sem mencionar o fim da ocupação ilegal de terras palestinas, conforme estipulado pela ONU – uma organização da qual Israel é membro, mas não parece respeitar.

Quer Netanyahu e sua coalizão de nacionalistas de extrema-direita aceitem ou não, a solução de dois Estados continua sendo o caminho mais seguro de Israel - tanto em termos de normalização regional quanto de paz de longo prazo. O Reino da Arábia Saudita sinalizou repetidamente que a normalização total depende da criação de um Estado palestino. Os mundos árabe e muçulmano estão preparados para integrar Israel em uma região repleta de potencial económico e valor estratégico. Paz, prosperidade e progresso estão ao alcance - se a liderança ousar compreendê-los.

Infelizmente, muitos na actual elite governante de Israel permanecem ideologicamente opostos a qualquer acordo pacífico. São indivíduos que supervisionaram as anexações da Cisjordânia, transformaram a fome em armas e agora enfrentam acusações de crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Sua visão de mundo não está ancorada na coexistência; prospera em conflitos perpétuos e expansionismo. Para eles, qualquer compromisso - mesmo um que possa salvar vidas - equivale a traição.

Não esqueçamos que esses são funcionários eleitos que, sem remorso, descreveram o povo de Gaza como "animais humanos", pediram ataques nucleares e encorajaram abertamente o deslocamento em massa. Quando essa retórica se torna política e a

crueldade é envolta em nacionalismo, a bússola moral da governança não é apenas quebrada - ela é transformada em arma.

É por isso que a comunidade global, especialmente as nações não contaminadas pela bagagem histórica, deve agir. Uma coalizão liderada pelo Reino da Arábia Saudita e pela França, adoptando a solução de dois Estados por meio do reconhecimento unilateral da Palestina, é o único caminho viável a seguir. Esperar por consenso ou negociar em torno de extremistas apenas prolonga o sofrimento. Não se trata mais de diplomacia - trata-se de justiça.

Agora, mais do que nunca, as estrelas parecem alinhadas. O Hamas e o Hezbollah estão enfraquecidos. O Irão está notavelmente quieto. Temos um presidente dos EUA que está focado em negociar acordos de paz entre a Ucrânia e a Rússia, a Índia e o Paquistão, e a Tailândia e o Camboja. O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman está liderando o Reino da Arábia Saudita e emergiu como um líder regional pragmático com ambições transformadoras. Esta é uma janela histórica para reimaginar o Médio Oriente não como um campo de batalha perene, mas como a próxima Europa – uma região de estabilidade, comércio, cooperação e intercâmbio cultural.

No final, o reconhecimento da Palestina não é um acto de desafio; é uma promessa de defender a dignidade humana. É um apelo para acabar com décadas de sofrimento e um passo em direcção a um futuro em que israelenses e palestinos possam viver não apenas lado a lado, mas como parceiros iguais em paz.

A história não vai esperar. Nem deveríamos.

Faisal J. Abbas é o editor-chefe do Arab News. X: @FaisalJAbbas.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas
alcançadas, construindo um futuro melhor